Multilingüismo, vozes paralelas em espiral:

línguas integradas ou cindidas?

*Lúcia Grigoletti

> Cada língua nos induz a mentir, a excluir uma parte dos fatos. Cada língua renega-nos, dispersa-nos, fragmenta-nos, mas não é menos verdade que ela, assim como o discurso interior, faz emergir uma parte da verdade e tudo o que foi renegado, fragmentado e disperso pode retornar a nós por outras vias (Amati-Mehler et al, 2005).

No mundo hodierno, a identidade do multilíngüe é uma realidade compartilhada por muitos indivíduos da esfera global e, pode-se dizer uma identidade não mais em crise – conflito vivido em curto espaço de tempo – mas em estado constante. Fato reforçado, por exemplo, pelo Parlamento Europeu, quando aprovou a resolução sobre o papel da escola pública e do ensino multilíngüe na integração dos imigrantes que hoje vivem nos Estados-membros da União. Valorizando o ensino da língua e da cultura de origem (ELCO), ele tenta evitar a perda das referências culturais identitárias dos jovens filhos de imigrantes. Proporciona, por exemplo, a todos os alunos de uma turma, aprenderem uma ou algumas matérias noutra língua que não a veiculada pelo conteúdo das disciplinas em geral, mas aquela ou aquelas de origem das comunidades imigrantes na região. Assim, os alunos nativos do país de acolhida ao conhecerem a língua, a cultura e a história dos países de origem dos colegas imigrantes, terão mais facilidade no convívio intercultural (PORTAS & SOEIRO, 2005).

Sendo esse modo de ser uma vivência, cada vez mais tendente, do indivíduo na contemporaneidade, o presente trabalho objetiva criar um espaço de reflexão, numa abordagem Psicanalítica e Lingüística, sobre alguns aspectos capazes de levar o multilíngüe a um processo de integração ou de cisão.

Sabe-se que o multilingüismo é motivo de divergência de acordo com os autores. Alguns a entendem como cisão, irreparável dano ao Eu do sujeito. Outros acreditam que o tecido das diversas línguas permite dizer e pensar os antigos conflitos com novas palavras, como uma forma de reparação. Mas todos compartilham a idéia da complexidade e da conveniência de muitos estudos para entender melhor essa torre de Babel.

O fluxo cultural estabelecido entre as nações e os próprios indivíduos torna as identidades desvinculadas, desalojadas no tempo e no espaço, parecendo *flutuarem livremente*. Elas se evidenciam no discurso de uma espécie de *língua franca internacional*, em que todas as diferentes identidades podem ser *traduzidas*: homogeneização cultural, segundo Hall (2005). Sem deixar de considerar o movimento contraditório identitário – tradução versus tradição – ressaltado pelo mesmo autor, o foco, neste momento, será na *tradução*. Etimologicamente, do Latim, a palavra significa transferir, transladar.

Segundo Amati-Mehler et al (2005), a *tradução* é uma imposição resultante da incompletude de qualquer língua. Isso é evidenciado também por Hall (2005), ao denominar de *homens traduzidos* todos aqueles pertencentes a culturas híbridas. Eles retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas são obrigados a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico. Eles não têm a ilusão de um retorno ao passado. Eles, produto das novas diásporas, deverão aprender a habitar, no mínimo, duas identidades – duas línguas culturais – a *traduzi-las* e negociar entre elas.

*Psicóloga, Psicanalista SPPEL; Doutoranda Pós-Let UCPEL

Considerando essa modalidade de hibridismo como o extremo de uma escala multilíngüe, pois fala de relações de poder, exílio – imposição de uma nova língua, impedimento de retorno às origens, espaço e tempo – a autora entende ser a tradução a forma mais expressiva e de acesso que se tem para identificar a resultante do conflito cisão versus integração no multilingüe.

Segundo Benveniste (1989), ao traduzir, o sujeito enuncia e, na medida da sua enunciação – linguagem posta em ação e entre parceiros – se declara locutor, assumindo a linguagem. Ele implanta o outro diante de si, acentuando uma relação discursiva com esse outro real ou imaginário (monólogo), individual ou coletivo. Toda enunciação será uma alocução, pois postula sempre um alocutário.

Relacionar à *tradução*, os conceitos de enunciado e polifonia na concepção bakhtiniana, assim como de cronotopia e exotopia, se faz necessário neste momento. O processo de enunciação/tradução ocorre sempre em relação a um outro, alguém a falar de fora a língua do outro, priorizando tanto a criação individual quanto uma produção histórica, espaço temporal de onde várias histórias se criam e se contam (AMORIM, 2006; SOBRAL, 2005).

Portanto, pode dizer-se (traduzindo em uma linguagem Psicanalítica) que a tradução de uma língua ocorre em três níveis: intrapessoal, interpessoal e transgeracional. Em outras palavras (traduzindo na Lingüística), primeiramente na intralíngua, o indivíduo traduz para si mesmo, utilizando-se de sua língua materna, acompanhada ou não do idioma que inaugurou seu psiquismo. Na interlíngua, ele traduz para o outro – a tradução é sempre dialógica e, numa relação com a História da Humanidade tem-se a translinguagem. Entende-se a *tradução* depender da integração simultânea desses três níveis.

Outro aspecto a relacionar é o referencial tempo na *tradução*, aqui considerado na agoridade, no instante, o microkairos – momento transitório no qual algo acontece à medida que o tempo decorre – e em kronos – ponto em movimento no tempo em direção apenas a um futuro.

Nos subitens a seguir, os aspectos evidenciados servirão de *entourage*, ou seja, de contorno, de enquadramento para o que a autora se propõe a analisar.

Uma visão caleidoscópica do multilíngüe

O sujeito multilíngüe expressa, na língua, a resultante do conflito global versus local, os deslocamentos, os desvios e as pluralizantes identidades, efeitos da globalização. O empenho de alguns autores em caracterizar o sujeito bilíngüe (BLOMFIED; HAUGEN; DIEBOLD, in: UYENO, 2003) ou o multilíngüe (LAMBERT, in: AMATI-MEHLER et al, 2005) lembra o mito de Babel. O decorrer do tempo histórico também aponta as diferentes traduções: no início do séc. XX, a quem dissesse: “aquele que tem duas línguas perde sua alma”. Agora, porém, no séc. XXI, o multilingüismo é visto por alguns como uma forma de pluralidade discursiva conjugada em línguas diversas, que será reforçada e se tornará significativa através das diferenças de códigos, podendo reparar o não-dito na língua materna (AMATI-MEHLER et al, 2005).

No entrelaçamento de vozes em diferentes línguas – internas e externas; de mesmo ou diferente idioma – se harmoniza o enunciado de um sujeito por natureza dialógico e multilíngüe. Lembrando Melman (1992): somos bilíngües em nossa própria língua, em cada língua há um bilingüismo. O indivíduo multilíngüe enuncia numa segunda ou terceira língua, a partir de um espaço e tempo que fala sobre esta nova aquisição.

Numa tentativa remanescente de falar *uma mesma língua* e, ao mesmo tempo ciente da incompletude das traduções, a autora do presente trabalho irá explicitar alguns aspectos que possam identificar e diferenciar o

processo multilíngüe entre os sujeitos. O primeiro a considerar é o referencial teórico utilizado para entender o multilingüismo, como causa de uma cisão no psiquismo do indivíduo ou como um sintoma, em que os processos de cisão exploram os diversos registros lingüísticos: meio para organizar-se e exprimir-se. A segunda modalidade, entendida como a concepção kleiniana, de a cisão surgir como mecanismo de defesa frente à angústia da perda e à ansiedade do novo, embasa a presente leitura, referencial adotado pela autora desde seu primeiro projeto de trabalho sobre imigração (GRIGOLETTI, 2001).

Como segundo aspecto, é imprescindível contextualizar a condição do sujeito multilíngüe: se poliglota ou polilíngüe. Estes são dois momentos de vida muito distintos na constituição do psiquismo e, certamente, farão seu diferencial na resultante identidade. Enquanto o último (polilíngüe) teve acesso a mais de uma língua desde seu nascimento, as quais funcionam no nível de uma *interlingualidade materna*, para o primeiro (poliglota) a aquisição de outras ou outras línguas, ocorreu após a primeira infância e depois da língua materna. Sendo necessário ao poliglota, segundo Amati-Mehler et al (2005), novas vias associativas e de conexão entre sistemas de representações que antes não estavam disponíveis em seu psiquismo: o intrapessoal.

O terceiro a considerar é a relação com a língua materna, o afastar-se desta, "o desmame" e o aproximar-se da ou de outras línguas. Ele suscita intensa ansiedade e poderá ser vivido com mais, ou menos, culpa. Quando o sujeito se aparta da "língua materna" por ansiedades persecutórias, mantendo as línguas cindidas: enquanto uma é idealizada, a outra é considerada um objeto mau – posição esquizo-paranóide, segundo Klein (1921-1945/1996) – ele expressa, nas entrelinhas de seu enunciado, o conflito não resolvido mas sim, muitas vezes, atuado. Caso possa reconhecer a importância da língua materna para até mesmo tomá-la como ponto de referência diferencial da nova aquisição, portanto, caso se reconheça como dependente dela, assim como reconheça o valor da nova língua, movido pelo instinto de preservação, ele irá reparar os possíveis danos que imagina ter causado à sua língua materna, ao interessar-se por outra ou outras línguas. Utilizando-se da sublimação, ele tende à resolução integradora de seu conflito. Portanto, este movimento psicoafetivo refere-se à outra posição de Klein (1921-1945/1996), denominada depressiva.

Se o transitar intrapessoal da língua materna para outras línguas for integrador, dificilmente será vivido de forma traumática. Dificilmente, pois o processo de *tradução* nunca é vivido sem a presença de um outro, tem-se de levar em consideração se esse *re-conhecerá* a tradução do multilíngüe. É ele quem irá legitimar a identidade do sujeito híbrido.

Portanto, como quarto aspecto, tem-se o mundo externo, o outro ou outros ou as circunstâncias que irão legitimar a identidade do sujeito multilíngüe – o interpessoal. Assim como a mãe inaugura no psiquismo a língua materna, o outro, o grupo de acolhida, irá inaugurar as demais línguas ao exercer a *função de espelho* (ZIMERMAN, 1999) na nova aquisição. Este *re-conhecimento* pelo outro, teoria do vínculo do reconhecimento de Zimerman (1999), é vital para a manutenção da auto-estima e, mais do que isto, do sentimento de existir enquanto indivíduo. Segundo o autor referido, qualquer pensamento, conhecimento ou sentimento requer *re-conhecimento* pelos outros para adquirir uma existência, ou seja, para passar do plano intrapessoal para o interpessoal e vice-versa.

Dando seguimento, portanto, a essa visão caleidoscópica, é imprescindível ressaltar, como quinto aspecto, a *capacidade d*e *tradução* do indivíduo no âmbito de sua constituição psíquica, a translinguagem. Fazendo parte desse aspecto, mas não sendo objetivo do presente trabalho e que somente será aqui citado, tem-se a diferença de

identidade de gênero: segundo a neurociência, as mulheres apresentam maior habilidade lingüística do que os homens (HAUSMANN, 2005).

Segundo Grigoletti (2007), o estrangeiro tem uma linguagem muito singular, que ultrapassa o idioma. Assim como cada indivíduo tem "a sua língua", pode-se afirmar existir "a língua do estrangeiro", permitindo a este traduzir uma cultura para qualquer outra, pela decodificação do sentido capaz de ligar as diferentes culturas.

Golse (2003) em seu trabalho sobre a relação entre pais e filhos, refere alguns tipos de transmissão que se estabelecem entre os sujeitos: a transgeracional (entre gerações à distância), utiliza as vias da linguagem: interditos e não-ditos e a intergeracional (entre gerações em contato), viabilizada pela comunicação verbal e não verbal. Além dessas, o autor acrescenta a oca ou no negativo, fundada sobre os silêncios, os enigmas ou os segredos contrastando com a cheia ou no positivo – transmissão de imagens totais ou de aspectos parciais do objeto. Sem entrar no mérito de cada uma das transmissões, cabe ressaltar a multiplicidade de vias do sujeito transmitir e, principalmente, apre(e)nder com o outro, a *transmitir a capacidade de transmissão* desde etapas precoces do desenvolvimento humano. E será para a autora do presente trabalho, essa linguagem universal que, de acordo com Nicolescu (1999), possibilitará o diálogo entre todas as culturas. Refere-se a uma translinguagem, à experiência da totalidade do ser além de suas aparências, fala da capacidade de transitar em diferentes universos lingüísticos e da contínua transgressão de fronteiras.

Antes de continuar o movimento do caleidoscópio, é interessante ressaltar dados apresentados em Sarriera (2000): ao investigar o processo de aculturação, ele expõe várias modalidades de adaptação. Entre elas, salienta o modelo interativo de aculturação – IAM – de Bourhis et al, que considera o efeito do impacto cultural, segundo o grau de vitalidade dos grupos de imigrantes e o de acolhida. Os primeiros distribuem-se em **integração** (não deixam de considerar seus valores étnicos originais e, ao mesmo tempo, absorvem os valores do grupo de acolhida); **assimilação** (transvestem-se com a roupagem do grupo acolhedor); **separação** (mantêm seus valores étnicos, mas sem relação favorável com o grupo acolhedor); **anomia** (os imigrantes não mantêm a identidade étnica original, nem boas relações com o novo grupo); **individualismo** (mantêm seus valores originais como realidade essencial, não considerando o grupo nativo). Por sua vez, as comunidades de acolhida podem ser de **integração**, **assimilação**, **segregação**, **exclusão** e **individualismo**. A interação entre cada modalidade de grupo – imigrante e de acolhida - pode resultar em **consensual, problemática** ou **conflituosa**.

A resultante **consensual**: **integração** versus **integração**, é aquela caracterizada pela possibilidade do imigrante e do grupo de acolhida *re-conhecerem* a parte "estrangeira" existente dentro de si, podendo realizar a síntese integradora entre o externo e o interno. Esta tão conhecida dicotomia humana nas demais resultantes permanece inconsciente, sendo identificada, projetivamente, a parte *estrangeira*: na nova cultura, no caso do imigrante e, neste último, no caso do grupo de acolhida. Portanto, pode-se dizer que o imigrante cuja resultante é **consensual,** em seu processo de aculturação conseguiu formar uma representação da *pátria-mãe*, distinta da representação de si – integração entre as duas culturas – identidade cívica que contém a identidade étnica. Este indivíduo com identidade bicultural pôde, exitosamente, *re-viver* no grupo de acolhida, a integração língua materna versus língua paterna (GRIGOLETTI, 2007).

Segundo Robin (in: CORACINI, 2003) as duas línguas, materna e estrangeira, caminham juntas, num duplo efeito de sentido. São como uma encruzilhada onde o tempo, o espaço e o sujeito se encontram por/para a linguagem e, sobretudo, para a identidade não ser uma prisão, uma corrente em que se absolutizam os elos de filiação; para a memória ou o que dela toma o lugar poder historizar-se ou historializar-se.

Como sexto aspecto, não menos expressivo, mas aqui não cabendo explorá-lo, pois se entende demandar um olhar bem mais focalizado, tem-se a diferença entre a tradução oral e a escrita. Para alguns autores, o conflito de quem *traduz por escrito* é maior do que quando fala. Segundo Coracini (2004), mesmo quando se escreve sobre o outro e o escritor se esconda nas formas da escrita objetiva ou ainda se escreva na primeira pessoa, fala-se do outro, do outro que nos constitui enquanto sujeitos. Refere-se a autora a Foucault quando diz: "escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro".

Questiona ainda Coracini (2003) se o medo da diversidade tem a ver com o mito da torre de Babel que existe em nós. A representação que fazemos de nos inscrever na perda, quando falamos uma outra língua deve-se ao fato de não reconhecermos que falamos, em nossa própria língua, uma língua estrangeira?

Acrescenta a autora do presente trabalho: estar ciente de o enunciado ser constituído por uma multiplicidade de vozes e consciências, independentes e imiscíveis, as quais não são meros objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso – conceito de polifonia de Bakhtin (BEZERRA, 2005) – é insuportável ao narcisismo do sujeito?

Tempo/ espaço em que ocorre a tradução

Toda aquisição de uma nova língua ocorre num tempo e espaço, portanto, falar no estrangeiro é referir-se a um sujeito iniciando-se em uma arte e, como toda arte, expressa em um tempo e um espaço.

Inicialmente, cabe lembrar ser o tempo uma invenção da mente humana e, segundo Stern (2007), no mundo de *chronos,* o instante presente é um ponto em movimento no tempo em direção apenas a um futuro. Enquanto se move em linha reta, em círculo ou em espiral devora o futuro e deixa o passado em seu rastro. Sem desconsiderar tal concepção, o referido autor ressalta a importância de *kairos,* o momento transitório no qual algo acontece à medida que o tempo decorre. Sugere, portanto, focalizar o momento, o microkairos.

Para tal análise, nada melhor do que o enunciado como pano de fundo. Primeiramente, tem-se de reconhecer ele possibilitar um caminho psicológico para ajustar a vida à realidade de chronos (antes, depois, de novo etc). Segundo, o enunciado está acontecendo no aqui e agora. A duração de um momento presente é a duração de uma frase. Esta é a menor aglomeração que nos fornece o máximo de significado para podermos entender-nos no mundo da linguagem.

Assim, segundo Stern (2007), a linguagem é o veículo para transpor a experiência para uma narrativa. A construção da narrativa envolve não apenas palavras, mas também experiências diretas existentes no domínio implícito. Três momentos presentes, paralelos, estão envolvidos: o momento de pôr na forma de narrativa verbal a experiência original; o momento presente criado no narrador durante a narração para alguém e o momento presente evocado no ouvinte durante a narrativa.

Tomando Bakhtin (AMORIM, 2006; SOBRAL, 2005) como referência: relacionar tempo, espaço e a linguagem é evocar os conceitos de enunciação, exotopia e cronotopia. O estrangeiro é alguém a falar de fora (exotopo) a língua do outro: ao mesmo tempo em que, num primeiro momento, ao enunciar, tenta colocar-se no lugar desse outro, posteriormente, pode tirar proveito de sua exotopia temporal e cultural e compreender a língua estrangeira, desvelando novos sentidos. A cada novo tempo corresponde um novo homem, diz o referido autor. A cada tempo se articula um espaço (cronotopos) e juntos formam uma unidade na qual se desenrola o enunciado.

Portanto, no grupo de acolhida, conforme complementa Bakhtin (BRAIT & MELO, 2005), o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não-verbal que integram a situação e, simultaneamente, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto a respeito de aspectos que antecedem esse enunciado específico, quanto ao projetado adiante por ele.

Assim, o tempo do estrangeiro é concebido como a dimensão do movimento, da transformação incessante e inevitável do enunciado. Essa grande temporalidade arremessa a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. Aqui, sentido não morre, é constantemente renovado e, novos sentidos serão criados. Sintetizando: a exotopia prioriza a criação individual e a cronotopia, uma produção histórica, espaço temporal de que várias histórias se criam, se contam (AMORIM, 2006. SOBRAL, 2005).

Nesse movimento de criação individual e histórica, constituintes do sujeito estrangeiro cabe lembrar Silva (2000) quando refere que os atos de fala são atos de criação lingüística. Por meio deles se define a identidade (*mesmidade*) e a diferença (*outridade),* as quais somente ocorrem devido a uma condição essencialmente humana, a intersubjetividade. Logo, refletir sobre a aquisição de outras línguas exige uma contextualização não somente das competências do estrangeiro como da capacidade de quem acolhe essa *língua estranha.* Entre as duas mentes se processa um diálogo co-criativo contínuo, por Stern (2007) denominado de *matriz intersubjetiva*. Duas mentes criam o intersubjetivo mas, igualmente, a intersubjetividade dá forma às duas mentes. A participação na vida mental do outro cria um senso de sentir/compartilhar, com/compreender o outro, em particular, suas intenções e sentimentos.

Para o referido autor é de fundamental importância, nesse momento presente, nomeado por ele de agoridade, o compartilhar, a consciência intersubjetiva. As experiências entre o sujeito e o outro são distintas, mas semelhantes o bastante para, quando as duas experiências forem mutuamente validadas, emergir uma consciência de compartilhar a mesma paisagem.

No processo do multilíngüe é fundamental estar-se consciente de dois aspectos aqui destacados:

- o *valor da agoridade* permeia o processo: o momento é mentalmente apreendido enquanto ainda se está desdobrando, portanto, o saber a respeito dele não pode ser verbal, simbólico e explícito. Estes atributos somente são anexados depois de o momento passar;
- na *intersubjetividade do presente* se encontram as bases motivacionais como ocorre no emergir da linguagem: o sujeito só fala com alguém por acreditar que este poderá compartilhar sua paisagem mental e agir de acordo com ela.

Ao ressaltar a influência da intersubjetividade no microkairos, não se tem a intenção de minimizar a importância do conhecimento explícito, nem as experiências passadas mas, sim, focalizar um outro prisma de um mesmo objeto de estudos: a possibilidade co-criativa da experiência intersubjetiva entre o estrangeiro e o grupo de acolhida.

Conclusão

Como concluir diante de tantas imagens que a cada momento se redimensionam? Certamente, não será esta uma conclusão, a não ser concebida no microkairos. Focalizando a questão central sobre o processo do multilíngüe, questiona-se: vozes paralelas em espiral, línguas integradas ou cindidas?

A começar pela experiência da própria autora que, ao realizar o trabalho, se percebeu tendo de *transitar, transladar,* não somente entre a Lingüística (língua estrangeira) e a Psicanálise (língua materna), mas até nesta

última, foi necessário *traduzir*, em distintos aportes teóricos, os diferentes ângulos do mesmo prisma. Na intralíngua, cabia traduzir segundo Klein; na interlíngua, de acordo com Stern e Zimerman; e Golse na translinguagem. E foi co-construindo, nessa dimensão caleidoscópica, que se deparou com uma resposta, válida embora só por um instante (microkairos), para a questão motivadora.

Como foi possível visualizar, no multilíngüismo existem multiaspectos a considerar e, dependendo do arranjo entre eles, múltiplas resultantes, nunca podendo ser esgotadas em um texto (tradução escrita) ou em uma palavra falada (tradução oral). Portanto, como primeira conclusão há múltiplos arranjos nos níveis intra, inter e transpessoal a serem ponderados para se chegar às resultantes do conflito cisão versus integração. Dependendo dos arranjos entre os seis aspectos referidos e aqueles certamente existentes, mas que o olhar da autora não pôde alcançar, pode-se inferir o processo da resultante do conflito do multilíngüe.

Após esta primeira consideração, é necessário ressaltar a condição de tradutor do multilíngüe e de a *tradução* ser uma imposição resultante da incompletude de qualquer língua (AMATI-MEHLER et al, 2005). Porém, se refletirmos, todo ser humano é um tradutor: poliglotas, polilíngües e monolíngües. Todos nós, como diz Melman (1992), somos bilíngües em nossa própria língua, em cada língua há um bilingüismo. Sendo bilíngües, somos, inevitavelmente, tradutores e traduzidos.

Entende-se *ser na falta, na incompletude, no intervalo da tradução, que o ato criativo do enunciado se faz representar* seja pela integração ou pela cisão.

Para ocorrer a tradução, faz-se essencial a identificação e, como diz Silva (2000) sobre o conceito de *différance, há* sempre, na identificação, um demasiado ou muito pouco, uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Isso é reforçado por Kristeva (1994): por mais que se sinta parecido com um deles, o estrangeiro jamais será um nativo.

Portanto, será na *différance*, no intervalo da tradução, que todo indivíduo seja ele monolíngüe, polilíngüe ou poliglota, viverá a angústia frente à *perda da conhecida* e constituinte *língua materna* e a ansiedade persecutória frente à aquisição da *desconhecida língua estrangeira*.

Retomando o ponto da separação da primeira língua referida, Klein (1936 / 1996, p.330) ao falar sobre "o desmame" diz: "*.... quando este é bem sucedido, ele dá um impulso positivo para a aceitação de substitutos e a busca mais ampla de novas fontes de gratificação"*.

Ao desvincular-se, o *desmamar*, da língua materna, desde o mamanhês até o idioma nacional, o sujeito sente-se culpado, pois teme tê-la destruído. Frente ao temor de ter perdido aquilo que o reconhece como ser existente – ao denominar-se Eu, o sujeito inaugura em seu psiquismo a condição de existir – sente a perda como uma punição pelo ato terrível cometido – *abandono da língua materna e aquisição de uma nova língua*. Ao sentir culpa, procura repará-la, pois *reconhece* sua dependência àquela que o constitui enquanto sujeito, mas também se diferencia dela. Numa tentativa de resolver o conflito, integra a parte que se identifica àquela que se diferencia, podendo ter consciência de um conviver harmonioso entre elas. Nesse momento Klein identifica a posição do sujeito, não mais esquizo (cisão) - paranóide (sentimentos persecutórios), mas depressiva (o sentimento de dependência do objeto materno, culpa, reparação, integração, sublimação e produção criativa). Esta última, pode se dizer em Lingüística, é a língua subjetiva resultante, que cada indivíduo constrói a partir da integração entre a língua materna e a estrangeira, considerada exotópica e cronotopicamente no microkairos.

Integrando-se ao intrapsíquico, o interpessoal – a relação com o outro, *o vínculo de re-conhecimento do grupo de acolhida* – pauta a resultante, pendendo mais para cisão ou para a integração do multilíngüe. Entre este e o grupo de acolhida, quem traduz quem? O grupo de acolhida também é um tradutor.

Esta interação, entre o tradutor e o traduzido que, dependendo da visão caleidoscópica, alterna as imagens sobre cada um deles, possibilita a ambos os sujeitos, uma vivência até certo ponto paradoxal: quanto mais se aproximam da língua estrangeira, tanto o tradutor quanto o traduzido, mais *re-significam* e se vinculam à língua materna, pois se *descobrem* e *re-descobrem* na *différance* sua própria língua, podendo *co-construir* um apego mais seguro com ela. Bowlby (1990), em sua teoria do apego, traduz a importância da língua materna, nesse caso seja o idioma ou *mamanhês*: só nos separamos daqueles a quem estivemos fortemente vinculados.

Portanto, para o multilíngüe transladar, de forma integrada, em outra, ou outras, língua, é necessário um vínculo seguro à *língua materna* e, simultaneamente, será na *agoridade*, na *différance*, que irá co-construir, junto com o outro, sua língua subjetiva e *des-cobrir* sua competência na translinguagem ao *traduzir e traduzir-se e ao transmitir a transmissão* em qualquer língua. Co-escrevendo e inscrevendo sua historia em uma outra língua e em outro contexto de linguagem, resgata sua competência de natureza individual – instinto epistemofílico (desejo de conhecer) e escopofílico (desejo de ver) – e social (ser de interação e narração).

Des-cobre a própria competência de transitar, de transformar-se e historicizar-se como sujeito autônomo em seu saber implícito: competência para comunicar-se nas três mil línguas faladas por 200 Estados politicamente individualizados. Línguas integradas: paralelas e em espiral!

Bibiliografia

AMATI-MEHLER, J., ARGENTIERI, S., CANESTRI, J. **A babel do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia In: BRAIT, B. (org.), **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. & MELLO, R. Enunciado, enunciado completo e enunciação. In BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CORACINI, M J. (org.) **Identidade e discurso**.Campinas:UNICAMP, 2003

CORACINI, M J. Sujeito, identidade e arquivo. Entre a impossibilidade e a necessidade de dizer (-se). In: **Seminário Internacional Michael Foucault: perspectivas**. Florianópolis/SC; 2004.

GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão**.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GRIGOLETTI, L. Relação vincular entre a criança de 1 a 3 anos e a mãe imigrante. In: **Congresso Latino-Americano de migração e inserção social e sua influência na estrutura psíquica**. Camboriú/SC; 2001.

GRIGOLETTI, L. **A identidade *trans* do estrangeiro**. Pós-Letras/Doutorado/UCPEL; 2007.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HAUSMANN, M. Questão de simetria. In: **Viver: mente e cérebro.** XIII, n.146; março 2005; ed Duetto; p. 40-45.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Escuta, 1992.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PORTAS, M & SOEIRO, R Integração dos imigrantes, escolas públicas e multilíngüismo. In: **A comuna.** 2005 / Internet

SARRIERA, J C. Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. In: SARRIERA, J.C. et al. **Psicologia comunitária: estudos atuais.** Porto Alegre: Sulina, 2000.

SOBRAL, A. Ético e o estético In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. HALL, S. & WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

STER, D. **O momento presente: na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

UYENO, E. Determinações identitárias do bilingüismo: a eterna promessa da língua materna. In: CORACINI, M.J. **Identidade e discurso.** Campinas: Unicamp, 2003.

ZIMERMAN, D. Vínculos: o vínculo do reconhecimento. In: ZIMERMAN, **Fundamentos psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed. 1999.